

## RESENHA BIBLIOGRÁFICA

*Benjamin Constant — vida e história.* Renato Lemos. Rio de Janeiro, Topbooks, 1999. 572p.

Sylvia Constant Vergara\*

Este livro foi, originariamente, a tese de doutorado de Ricardo Lemos, ex-pesquisador do CPDOC/FGV. Lemos apoiou-se em cerca de 8 mil documentos do arquivo pessoal de Benjamin Constant. A obra certamente interessa a estudiosos e práticos de administração pública, educadores, cientistas sociais, estudiosos de epistemologia e de metodologia científica, historiadores e a todos aqueles que desejam conhecer e reconhecer a construção da cultura brasileira.

O autor retrata Benjamin Constant do ponto de vista psicossocial: um homem atormentado pelo que considerava as injustiças de governos e da burocracia; filho, irmão, pai e marido amoroso e responsável; professor amado e admirado por seus alunos; homem de integridade moral. Também o retrata do ponto de vista científico, apontando sua adesão ao positivismo e, ao mesmo tempo, seu questionamento a muitas das postulações desta corrente de pensamento. Focaliza-o, igualmente, na perspectiva de administrador e membro do governo, antiescravista e republicano, bem como sob a ótica de educador, fiel a seus princípios éticos. Como Lemos (1999:18) afirma, sua obra “tem por objetivo central analisar a vida de Benjamin Constant de um ponto de vista que integra, como fatores explicativos, especificidades pessoais e elementos da longa conjuntura em que viveu, isto é, buscando compreender de uma perspectiva histórica a significação da sua existência particular”.

Filho de português e brasileira, Benjamin Constant nasceu em 1836, em Niterói, RJ, casou-se com Bernardina Joaquina e teve quatro filhos. Aos

---

\* Doutora em educação, mestre em administração e professora da EBAP/FGV.

15 anos, com a morte do pai, assumiu a direção da família. Foi professor, militar, membro do governo, participante ativo da proclamação da República. Não sem muitos percalços, contudo. Sua história conta a luta que toda a vida travou para firmar-se como professor, sustentar sua família e praticar seus ideais; conta sua tormenta, sua desesperança. Benjamin Constant desde logo descobriu que as relações pessoais eram a chave com a qual portas para a ascensão profissional abriam-se ou fechavam-se.

Na Guerra do Paraguai conheceu as balas do inimigo, a malária, a epidemia de cólera e a presença que lhe era insuportável de Caxias, o comandante do Exército, a quem odiava por considerar incompetente. Tentou racionalizar o problema do ponto de vista científico. Esbarrou nas limitações do método.

Dado que na Escola Militar era a doutrina positivista, então percebida como aquela voltada para o estabelecimento de uma moral superior, que norteava decisões e ações, tal doutrina organizou as atividades de Benjamin Constant como professor, matemático, militar, escritor, cidadão, pessoa. Ela foi o elemento que deu unidade à sua vida emocional e intelectual. No entanto, mais tarde ele rompeu com sua filiação ao apostolado positivista, por considerar demasiadamente imperativos seus métodos de convencimento.

Preterido inúmeras vezes nos cargos para professor, a despeito de sua aprovação em todos os concursos, Benjamin Constant conheceu os favoritismos dos governos, fruto de interesses políticos. Sua vida foi alterada quando, em 1862, conseguiu, afinal, ser nomeado professor de matemáticas elementares do Imperial Instituto dos Meninos Cegos, hoje Instituto Benjamin Constant. Lá, ele pôde realizar muitos de seus ideais. Mais tarde foi professor do Colégio Pedro II.

Reformou o ensino nas escolas do Exército com educação positivista, baseada na classificação enciclopédica das ciências, visando à modernização moral e teórica do soldado brasileiro, mas que, no entanto, divergia do positivismo ortodoxo.

Defensor ferrenho da ordem democrática, desejava a regeneração da sociedade brasileira após a proclamação da República, da qual foi o principal organizador militar. Tomou a iniciativa para que houvesse eleições. Colocou-se em oposição às idéias de Deodoro da Fonseca, que desejava medidas enérgicas contra o Exército pois, na avaliação de Deodoro, o Exército mostrava-se indisciplinado por aderir aos desejos de Benjamin Constant ou a provocar-lhe esses desejos.

Proclamada a República, Benjamin Constant foi nomeado ministro da Guerra. Mais tarde, para afastá-lo do Exército, Deodoro criou, em 1890, um novo ministério: da Instrução Pública, Correios e Telégrafos — MIPCT — e o nomeou, pondo Floriano Peixoto no Ministério da Guerra. Benjamin Constant foi, então, o primeiro ministro da Educação do Brasil. Foi proveitoso, pois muitos já o apontavam como um dos poucos homens públicos que compreendia a importância da educação. Ao assumir a pasta, dedicou-se priorita-

riamente à Escola Militar, à Escola Normal (que preparava professores) e ao Instituto Nacional dos Cegos. Mais tarde, foi demitido por Deodoro. As divergências entre eles já eram grandes. Em 1891 Benjamin Constant faleceu.

A leitura do livro de Renato Lemos é muito interessante. Primeiro, porque sua linguagem é clara, didática, apoiada em inúmeros documentos a que teve acesso como pesquisador e guia de visitantes no Museu Casa de Benjamin Constant. Segundo, porque brinda o leitor com os bastidores da vida política de uma época: o nepotismo, as relações pessoais intervindo nas decisões governamentais, a influência americana na vida brasileira, a influência do positivismo na inteligência nacional.

No palco, Benjamin Constant e as contradições de sua vida. Preterido tantas vezes nos concursos a professor da rede pública de ensino, não por incompetência, mas pelo clientelismo monárquico, acabou por ser o primeiro ministro da Educação no país. Crente nos pressupostos da doutrina positivista, terminou por questioná-la, ao mesmo tempo que nela buscava o norte do dever-ser. Responsável por uma família numerosa que dele dependia, enfrentou sérias dificuldades financeiras, mas orientava sua vida pela resignação às vicissitudes como a maior demonstração de superioridade moral, tal como rezava a doutrina positivista. Adepto da meritocracia, não deixou, contudo, de utilizar as relações pessoais para proteger amigos e parentes, tal como faziam os que criticava. Tão sem sorte para garantir a subsistência da família, teve muita sorte em congregar os militares em prol da proclamação da República. O homem “forte” da República, o homem “forte” do positivismo era contraditório, às vezes frágil, nervoso e até ingênuo. Benjamin Constant era, afinal, um ser humano com suas forças e fraquezas, vivendo uma época de grande transformação histórica.